

3

Habilidades de leitura e práticas associadas ao aumento do seu aprendizado: delimitações deste estudo e características da amostra

Nesta seção, apresento os recortes adotados para o presente estudo tanto em relação ao tamanho final da amostra quanto em relação a alguns ajustes necessários no decorrer da investigação. Em seguida, faço uma descrição detalhada sobre as características pedagógicas dos professores pesquisados. Essa caracterização será muito útil para a análise dos resultados posteriores, obtidos por uma metodologia mais complexa.

A amostra referente ao 2º ano do ensino fundamental corresponde aos dados cognitivos de 17.628 alunos, distribuídos em 671 turmas, de 225 escolas.

Em relação ao 3º ano, são estudados 16.911 alunos, distribuídos em 632 turmas, de 228 escolas. Os alunos pertencem às redes municipal, estadual, federal e privada¹¹, das cidades do Rio de Janeiro (RJ), de Belo Horizonte (MG), de Campinas (SP) e de Campo Grande (MS). Quanto aos dados contextuais, a amostra corresponde aos professores das respectivas turmas, ou seja, 671 professores que deram aulas para o 2º ano escolar em 2005 e 632 professores que lecionaram para o 3º ano em 2006.

A proposta de pesquisa inicial previa o estudo das variáveis no período compreendido entre o 2º ano e o 5º ano de escolaridade, mas devido a problemas encontrados nos testes estatísticos das escalas referentes ao 4º e ao 5º anos, que demandam maior tempo hábil para resolvê-los, essa parte do estudo precisou ser adiada. Sendo assim, nesse primeiro momento, o período focado será o que costuma se caracterizar pela aquisição do código de leitura e escrita propriamente dito, ou seja, o período que vai do início do 2º ano até o final do 3º ano.

Quanto às características dos dados, devo assinalar uma limitação quanto às informações disponíveis. Os pesos amostrais, que permitiriam a generalização dos resultados da amostra observada, com maior segurança, para a população de alunos do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, de Campinas e de Campo Grande, ainda não foram calculados para todos os alunos. O GERES possui os pesos para os estudantes que participaram de todas as avaliações da pesquisa, mas ainda não

¹¹ As escolas federais foram agrupadas a rede privada devido ao fato de possuírem características mais próximas a estas do que às escolas públicas.

os possui para alunos que apresentam dado faltante em algum dos testes. Como o meu estudo inclui todos os alunos que participaram de pelo menos duas avaliações subsequentes, não foi possível utilizar os pesos. Esse assunto será abordado detalhadamente no capítulo 6, que trata da metodologia empregada para a associação entre a proficiência e as práticas de Língua Portuguesa.

Os dados de caráter cognitivo foram coletados por meio dos testes de leitura, focalizando habilidades básicas tipicamente demandadas pela escola a alunos dos anos escolares em questão, aplicados pela pesquisa GERES nos meses de março e de novembro de 2005 e no mês de novembro de 2006. Em março, o teste mediu a proficiência prévia com que os alunos iniciaram o ano, condição indispensável para que se possam aferir com maior rigor, as habilidades que foram desenvolvidas no decorrer de cada ano letivo. No final do 2º e do 3º anos, novembro de 2005 e de 2006, o GERES retornou às escolas para avaliar os mesmos alunos e, portanto, verificar a aprendizagem escolar, ou seja, o valor agregado pelas escolas aos seus alunos.

O instrumento contextual de coleta de dados utilizado foi o questionário aplicado aos professores no final do trabalho realizado junto às suas turmas, ou seja, no final do 2º e do 3º anos, do qual foram obtidas as informações sobre práticas de alfabetização e de Língua Portuguesa, declaradas pelos professores. Para o desenvolvimento do estudo utilizei informações dos professores contidas nas tabelas 3, 4 e 5.

Antes de comentar tais informações devo mencionar que, como recurso para atender a algumas especificidades de conteúdo, subdividirei o que eu vinha denominando, de maneira geral, como “leitura”, em dois blocos. Nomearei como “práticas de alfabetização”, o conjunto de itens estudados para apreensão do construto do estilo de alfabetizar dos professores, que está mais relacionado com o método/metodologia empregado/a para tal e denominarei como “práticas de Língua Portuguesa” os itens que investigam as modalidades de ensino mais características do processo de ampliação da leitura e algumas práticas de ensino da escrita. Ressalto que essa divisão é apenas analítica e não conceitual, pois as práticas que compõem os blocos de itens são complementares.

Tabela 3: Frequência de práticas de alfabetização declaradas pelos professores¹³

Práticas de alfabetização		2º ano (%)	3ºano (%)
Q94	(A) Ensino primeiro os sons das letras, depois as sílabas e por último as palavras e frases.	21,0	19,0
	(B) Trabalho a leitura a partir das vivências dos alunos e de pequenos textos, decompondo-os em frases, palavras e sílabas até chegar aos fonemas.	66,1	68,6
	Respostas inválidas	12,9	12,4
	Total	100,0	100,0
Q95	(A) Faço a relação entre as letras e seus respectivos sons. Para isso uso diferentes recursos, como: pronunciar prolongadamente os sons e utilizar gestos e movimentos das mãos que acompanham a pronúncia.	17,7	13,5
	(B) A partir de textos significativos seleciono palavras para serem analisadas, comparando o tamanho, identificando a quantidade de letras, a posição das letras na palavra, semelhanças e diferenças na sua estrutura.	69,8	73,2
	Respostas inválidas	12,5	12,8
	Total	100,0	100,0
Q96	(A) Geralmente começo apresentando as vogais, as famílias silábicas mais simples, depois as mais complexas e termino o ano trabalhando algumas regras ortográficas.	23,4	22,3
	(B) Geralmente, identificando quais são as hipóteses dos alunos sobre o funcionamento da escrita e planejo atividades diferenciadas de acordo com o desenvolvimento dos grupos.	64,1	66,6
	Respostas inválidas	12,5	11,1
	Total	100	
Q99	(A) “Eu recebo alunos que chegam na escola sem nenhuma experiência com a escrita. Nunca seguraram um lápis, não sabem o que é direita ou esquerda e nem como segurar o caderno. Por isso, começo com atividades básicas: desenhos, treino de coordenação motora, reconhecimento de cores. Só depois desse período de preparação é que começo a alfabetização propriamente dita. Prefiro iniciar pelas vogais e aos poucos combinar com as consoantes trabalhando as famílias silábicas. Na hora do trabalho com textos, prefiro textos curtos, bem simples.”	5,0	0,5
	“(B) A minha turma, em geral, é sempre heterogênea. No início do ano tem aqueles que já sabem escrever o nome e outros que nem pegaram no lápis ainda. Para ter controle de todas essas diferenças eu tenho que planejar bem o que vou fazer. Às vezes, planejo três ou quatro atividades diferentes: escrita de nomes e palavras ou as letras que conhecem. E por aí vai: depende muito do que eles perguntarem para eu replanejar e propor mais coisas que os deixem curiosos e os levem a ir comparando a escrita de uma palavra com a outra ou a tentar escrever palavras do jeito que eles pensam que é. Mesmo no início já deixo que leiam revistinhas ou livrinhos da biblioteca. Aumenta o interesse e dou atividades para encontrarem palavras que comecem igual ao nome deles.”	49,6	29,5
	Respostas inválidas	16,4	10,9
	Total	71,0 ¹⁴	40,9 ¹⁵

¹³ Retirei do quadro acima duas variáveis que foram excluídas durante o processo de elaboração das escalas, conforme será comentado no capítulo 5. Elas podem ser vistas na p. 68.

¹⁴ Os 29% que ficam faltando são referentes a duas opções que foram excluídas durante o processo de elaboração de escalas.

¹⁵ Os 59,1% que ficam faltando são referentes a duas opções que foram excluídas durante o processo de elaboração de escalas.

Na tabela 3, estão os percentuais relativos às opções pedagógicas dos professores para a alfabetização inicial dos seus alunos. No final de 2005, quando os professores declaram desenvolver as referidas práticas junto ao 2º ano, seus alunos foram avaliados pelo GERES principalmente sobre o seu domínio em relação ao aprendizado do sistema de escrita alfabético. O teste demandou, em geral, a leitura de palavras e frases e a localização de informação explícita em texto contendo, no máximo, seis linhas. Alguns itens abordavam a função dos textos tais como um bilhete e um texto instrucional. Ao final do ano de 2006, quando os professores declararam suas práticas junto ao 3º ano, mantiveram-se itens referentes às habilidades avaliadas em 2005, aumentando-se o grau de dificuldade: o teste demandou a leitura de palavras e frases contendo sílabas complexas, os textos utilizados para a elaboração dos itens foram mais diversificados quanto ao tipo e ao suporte, inclusive nos itens que abordavam a sua função¹⁶.

Antes do detalhamento sobre as escolhas feitas pelos professores, comento, brevemente, duas categorias elaboradas a partir da interpretação do conjunto de itens sobre as práticas de alfabetização. Essas categorias serão exploradas detalhadamente no capítulo 5, no qual apresento a análise conceitual que resultou na sua construção. Por ora, esclareço que os professores que optaram pelas alternativas (A) serão identificados como representantes de um estilo de alfabetizar por meio de práticas “menos contextualizadas” e os professores que escolheram as alternativas (B) serão identificados como adeptos a práticas “mais contextualizadas” de alfabetização.

Devo esclarecer, inicialmente, que os resultados percentuais vistos na tabela anterior não podem ser comparados entre diferentes questões, pois o professor que decidiu pela letra (A) em determinada questão pode ter feito tanto a opção (A) quanto a opção (B) nas demais questões. Desta forma, as comparações serão realizadas entre as duas alternativas de uma mesma questão. No caso da questão 99, assumirei duas alternativas, lembrando que, originalmente, ela possui quatro opções, mas que teve duas delas excluídas durante a elaboração das escalas.

¹⁶ No capítulo 4 são apresentados e comentados alguns itens das avaliações GERES.

Podemos observar que no 2º ano, comparando-se internamente as opções das questões, as práticas mais populares entre os professores são sempre aquelas que, independentemente do tipo de sistematização em relação ao código alfabético, apresentam algum elemento que confere um caráter mais contextualizado ao trabalho de alfabetização (opção B). Em contraposição, há sempre um grupo menor de professores que, entre uma das duas alternativas de cada questão, opta por uma prática quase que exclusiva de sistematização do código alfabético por meio dos métodos sintéticos (opção A). Essa afirmação pode ser confirmada por meio da contraposição entre os percentuais 21 e 66, na questão 94; 17 e 69, na questão 95; 23 e 64 na questão 96 e 5 e 49 na questão 99.

Quanto às práticas declaradas pelos professores do 3º ano, não é observada nenhuma mudança significativa. Em cada uma das questões, uma minoria opta pela alternativa (A) e a maioria permanece na alternativa (B). Inclusive os percentuais quase não mudam entre os anos, com exceção de uma queda para a opção (B) da questão 99, devida à opção dos professores pelas alternativas C e D, que foram excluídas das escalas. Entre os professores do 3º ano a contraposição dos percentuais ocorre da seguinte maneira: 19 e 68, na questão; 13 e 73, na questão 95; 23 e 66 na questão 96 e 5 e 29 na questão 99.

Com relação às práticas de Língua Portuguesa declaradas pelos professores, elas estão dispostas, em pontos percentuais, nas tabelas 4 e 5.

Tabela 4: Práticas de Língua Portuguesa declaradas pelos professores do 2º ano

Práticas de Língua Portuguesa	2º ano (2005)						
	Várias vezes semana	Cerca de uma vez semana	Algumas vezes bimestre	Raramente	Nunca	Respostas Inválidas	Total
Ler em voz alta histórias ou outros textos para os alunos.	-	0,1	1,7	12,7	76,2	9,2	100
Contar uma história para os alunos.	-	1,3	7,0	34,3	47,9	9,5	100
Leitura silenciosa pelos alunos de textos do livro didático.	6,2	7,7	5,9	23,4	45,9	10,9	100
Leitura silenciosa pelos alunos de textos escolhido por eles.	1,9	7,6	14,2	30,7	34,2	11,4	100
Leitura silenciosa pelos alunos de textos escolhido pelo professor.	2,2	5,0	9,5	27,6	43,9	11,8	100
Estudantes respondendo por escrito a perguntas feitas ao final da história lida.	2,3	4,9	13,7	31,3	36,9	10,8	100
Leitura oral, individual e alternada entre os alunos de uma história para toda a classe.	2,6	3,5	12,6	32,5	38,3	10,5	100
Leitura coletiva em voz alta pelos alunos.	1,1	4,5	7,0	17,4	59,6	10,4	100
Ditado.	0,9	5,9	15,9	37,8	29,1	10,4	100
Cópia de textos.	6,1	17,6	11,5	26,4	28,4	10,0	100
Exercício de caligrafia.	21,4	18,9	11,7	19,3	16,4	12,2	100
Redação de um texto sobre tema escolhido pelos alunos.	3,7	12,4	25,3	37,0	10,0	11,6	100
Redação de um texto sobre tema escolhido pelo professor.	2,5	7,2	19,4	43,0	15,2	12,7	100

Quando perguntados sobre a prática de contar histórias ou de ler textos em geral para os seus alunos, as respostas dos professores das turmas de 2º ano se concentraram entre as opções “raramente” ou “nunca”, com vantagem para a alternativa “nunca” (76,2% nunca liam para os alunos, 47,9% nunca contavam histórias e 34,3% raramente contavam histórias).

Em relação à prática de leitura silenciosa, apesar de os percentuais se apresentarem um pouco mais distribuídos, os valores mais altos ainda se encontram entre as alternativas “raramente” ou “nunca”. Tomando-se a leitura do livro didático como exemplo e contrapondo-se os percentuais das três primeiras alternativas (várias vezes por semana, cerca de uma vez por semana e algumas vezes no bimestre) com os percentuais das duas últimas alternativas (raramente ou nunca) temos 19,8% e 69,3% respectivamente, indicando que, para a grande

maioria desses professores, o livro didático não se constituiu em um objeto de leitura junto aos alunos. Destaco que a leitura de textos escolhidos pelos próprios alunos e a leitura de história (acompanhada de perguntas por escrito ao final) foram, entre as práticas de leitura silenciosa, as que obtiveram percentuais mais altos na opção de maior intensidade escolhida pelos professores, “algumas vezes por bimestre” (14,2% e 13,7%, respectivamente).

Para a modalidade “leitura em voz alta” também não há mudança significativa no padrão de respostas. Os percentuais aumentam à medida que a intensidade apresentada nas opções de resposta diminui. A prática de leitura oral, individual e alternada entre os alunos concentra 70,8% das respostas “raramente” ou “nunca”, enquanto que a prática de leitura coletiva em voz alta concentra 77% das respostas para as mesmas opções.

Esse cenário em relação à frequência das práticas muda quando observamos os resultados para as práticas de escrita¹⁷, especificamente para as práticas de ditado, de cópia e de caligrafia. Apesar de os percentuais para as práticas de escrita ainda serem mais elevados nas opções “raramente” ou “nunca” do que nas demais, eles são bem menores se comparados com os percentuais obtidos pelas práticas de leitura nessas mesmas opções. Em outras palavras, os percentuais das práticas de escrita estão mais bem distribuídos entre todas as opções, aumentando em relação àquelas que representam maior ênfase. O ditado é praticado com frequências referentes às três primeiras opções de resposta (várias vezes por semana, cerca de uma vez por semana e algumas vezes no bimestre) por 22,7 dos professores. A cópia de textos é adotada, também com frequências referentes às três primeiras opções de resposta, por 35,2% dos professores contra 54,8, que o fazem raramente ou nunca. Já a prática de dar exercícios de caligrafia para os alunos é a que alcança os maiores percentuais nas opções de maior ênfase, chegando a inverter o quadro configurado para a leitura. As três primeiras opções concentram a maioria dos professores (52%) e as duas últimas opções correspondem a 35,7% das respostas.

Quando nos detemos nos itens que abordam a escrita por meio de redação, observamos um retorno dos percentuais mais baixos para as duas opções de maior

¹⁷ Esclareço que, na falta de termos específicos, farei referência às práticas de cópia, ditado e caligrafia como “práticas de escrita” ainda que algumas delas, por vezes, possam se limitar à reprodução da escrita.

ênfase, no entanto essa mudança não implica em elevados percentuais para a última opção ('nunca'). As escolhas dos professores se distribuem principalmente entre as alternativas "algumas vezes por bimestre" e "raramente". Quanto à prática de redação sobre tema escolhido pelos alunos os percentuais são de 25,3, para "algumas vezes por bimestre" e 37 para "raramente". No que se refere à prática de redação sobre um tema escolhido pelo professor, os percentuais correspondem a 19,4 e 43, para as mesmas opções de resposta.

Uma visão geral dos dados relativos ao 2º ano evidencia uma prioridade para práticas de escrita em relação a práticas de leitura, especialmente para cópia e caligrafia. É importante registrar que essas práticas podem ser adotadas tanto por professores que as contextualizam quanto por professores que as restringem à reprodução, de forma mecânica. No entanto, a ênfase nessas práticas em detrimento das demais, o que julgo ter ocorrido, com base na distribuição dos dados, me leva a crer em que elas representam uma concepção mecanicista de como se aprende. Levanto três hipóteses, não excludentes, sobre o tipo de ênfase já comentado. A primeira é a de que tal ênfase pode representar uma crença por parte dos professores em que a atividade de escrever, por si só, resultará na aprendizagem da leitura. A segunda hipótese, que tem mais relação com o contexto de sala de aula do que com aspectos conceituais, é a de que determinadas práticas de escrita, muito bem representadas aqui pela cópia e pelo exercício de caligrafia, se constituem numa forma eficiente de exercício do controle dos professores sobre os alunos. Uma terceira hipótese, ainda, relaciona-se a características do instrumento: Como as opções do questionário quanto às atividades de leitura envolvem textos, os professores que não acreditam na possibilidade de os alunos lerem unidades maiores que a sílaba ou a palavra no período de alfabetização não foram contemplados com outros tipos de atividades de leitura que provavelmente realizam, incidindo, esse fato, nos baixos percentuais encontrados.

Tabela 5: Práticas de Língua Portuguesa declaradas pelos professores do 3º ano

Práticas de Língua Portuguesa	3º ano (2006)						
	Várias vezes semana	Cerca de uma vez semana	Algumas vezes bimestre	Raramente	Nunca	Respostas Inválidas	Total
Ler em voz alta histórias ou outros textos para os alunos.	76,8	13,8	3,4	02	-	5,7	100
Contar uma história para os alunos.	36,7	43,2	12,5	1,0	-	6,6	100
Leitura silenciosa pelos alunos de textos do livro didático.	52,6	26,9	8,6	2,7	3,5	8,7	100
Leitura silenciosa pelos alunos de textos escolhido por eles.	34,1	37,6	14,9	5,3	0,7	7,4	100
Leitura silenciosa pelos alunos de textos escolhido pelo professor.	43,2	33,1	12,6	3,4	0,1	7,5	100
Estudantes respondendo por escrito a perguntas feitas ao final da história lida.	41,5	32,9	14,0	3,8	1,1	6,7	100
Leitura oral, individual e alternada entre os alunos de uma história para toda a classe.	37,5	37,1	15,0	3,1	1,0	6,3	100
Leitura coletiva em voz alta pelos alunos.	53,7	23,9	10,1	5,8	0,6	5,9	100
Ditado.	23,0	37,5	20,9	10,7	1,8	6,0	100
Cópia de textos.	22,9	26,2	20,3	16,7	6,2	7,7	100
Exercício de caligrafia.	12,5	17,0	15,2	24,8	22,6	7,8	100
Redação de um texto sobre tema escolhido pelos alunos.	12,9	35,1	33,1	11,1	1,6	6,2	100
Redação de um texto sobre tema escolhido pelo professor.	17,9	49,5	22,6	2,7	0,7	6,7	100

É muito interessante notar que, passado o 2º ano, tido como o ano da alfabetização, os percentuais relativos às práticas dos professores se invertem em relação às opções de resposta, ou seja, os percentuais são mais elevados nas opções de maior intensidade. Além disso, as práticas são mais diversificadas.

No que se refere à prática de ler textos em geral para os alunos, as respostas dos professores do 3º ano apresentaram maiores percentuais nas opções “várias vezes por semana” (76,8%) e “cerca de uma vez por semana” (13,8%), com larga vantagem para a opção de maior intensidade. Os percentuais para a prática de contar histórias também foram altos nas duas primeiras opções, porém foram mais bem distribuídos e a maioria dos professores optou por contar histórias para os alunos cerca de uma vez por semana.

Quanto à prática de leitura silenciosa, os valores mais altos permanecem entre as alternativas “várias vezes por semana” e “cerca de uma vez por semana”. Para efeitos comparativos, tomarei o mesmo exemplo utilizado para o 2º ano, leitura do livro didático. Contrapondo-se os percentuais das três primeiras alternativas (várias vezes por semana, cerca de uma vez por semana e algumas vezes no bimestre) com os percentuais das duas últimas alternativas (raramente ou nunca) obtemos 79,5% e 14,8% respectivamente. Ao contrário dos professores do 2º ano, os professores do 3º ano, têm o livro didático como recurso bastante utilizado para a leitura por parte dos alunos. A ênfase em leitura silenciosa de texto escolhido pelo aluno, em leitura silenciosa de texto escolhido pelo professor e leitura com perguntas sobre a história lida também se faz presente, com percentuais mais altos nas opções de maior intensidade “várias vezes por semana” e “cerca de uma vez por semana”.

Para a prática de “leitura em voz alta” os professores mantiveram percentuais semelhantes aos obtidos para a prática de leitura silenciosa. A prática de leitura oral, individual e alternada entre os alunos alcançou 74,6% das respostas para as opções “várias vezes por semana” e “cerca de uma vez por semana”, enquanto que a prática de leitura coletiva em voz alta obteve 77,6% das respostas para as mesmas opções.

Quanto à utilização do ditado, da cópia e da caligrafia, apesar de apresentarem percentuais menores do que os de leitura nas opções de maior intensidade para as práticas (as três primeiras), esses percentuais, ainda assim, são mais elevados do que os obtidos pelos professores do 2º ano. Usando-se o mesmo recurso de contrapor os percentuais dos professores que utilizam determinada prática com os percentuais dos que raramente ou nunca a realizam, podemos notar uma que o ditado é bastante utilizado. Essa prática é realizada com frequências referentes às três primeiras opções de resposta por 81,4% dos professores em oposição a 12,5 que raramente ou nunca a realizam. A cópia de textos é adotada, também com frequências referentes às três primeiras opções de resposta, por 69,4% dos professores em contraposição aos 22,9% que raramente ou nunca a utilizam. Quanto à prática de dar exercícios de caligrafia para os alunos os professores se dividem entre utilizá-la (44,7%) ou não utilizá-la (47,4%). A prática de escrever textos, aqui representada pela redação, se intensifica no 3º ano e as escolhas dos professores se distribuem principalmente entre as alternativas

“cerca de uma vez por semana” e “algumas vezes por bimestre”. Para a prática de redação sobre tema escolhido pelos alunos os percentuais são de 35,1 para “cerca de uma vez por semana” e de 33,1 para “algumas vezes por bimestre”. Quanto à prática de redação sobre um tema escolhido pelo professor, os percentuais correspondem a 49,5 e 22,6, para as mesmas opções de resposta.

Comparando-se as frequências obtidas para as prioridades pedagógicas dos professores do 2º e do 3º anos, nota-se que as práticas foram muito pouco diversificadas no momento inicial da alfabetização e que o enfoque dos professores recaiu quase que unicamente na escrita, principalmente em atividades de cópia e de caligrafia. No ano seguinte, observa-se uma diversificação bem maior das modalidades de práticas. Além disso, há um aumento percentual considerável de professores que intensificaram suas práticas junto aos alunos.